

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA POSSÍVEL FENOMENOLOGIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: A DUALIDADE ENTRE DON IHDE E VILÉM FLUSSER PARA A (IN)COMPREENSÃO DA RELAÇÃO HUMANO-TECNOLOGIA-MUNDO

CONSIDERATIONS ON A POSSIBLE CRITICAL PHENOMENOLOGY OF INFORMATION: THE DUALITY BETWEEN DON IHDE AND VILÉM FLUSSER FOR THE (MIS)UNDERSTANDING OF THE HUMAN-TECHNOLOGY-WORLD RELATIONSHIP

Ricardo M. Pimenta – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: este estudo investigou como a mediação tecnológica configura a experiência informacional, articulando a pós-fenomenologia e a filosofia crítica flusseriana para revelar o caráter ativo dos dispositivos na comunicação. Objetivou-se demonstrar que os artefatos não funcionam como suportes neutros, mas como agentes que moldam percepções e relações, e propor um modelo conceitual para orientar análises futuras. Adotou-se uma abordagem teórico-analítica, baseada em revisão crítica de textos-chave para mapear as quatro formas de mediação descritas pela pós-fenomenologia (incorporação, hermenêutica, alteridade e plano-de-fundo) e os conceitos de aparelho/programa, imagem técnica e gesto técnico na obra flusseriana. Constatou-se que, em cada instância, a tecnologia constrói um “entre” ontológico—o percurso eu-isso-tu—no qual o diálogo se realiza sob a lógica interna dos aparatos, revelando tanto possibilidades de inovação quanto riscos de arbitrariedade e perda de autonomia comunicativa. Concluiu-se que reconhecer a tecnologia como formadora de sentido e não apenas como veículo é essencial para projetos de design de informação e literacia digital. Recomenda-se, para investigações futuras, a realização de estudos empíricos com usuários, análises ético-políticas dos efeitos normativos dos programas e parcerias interdisciplinares para aprofundar esse campo emergente.

Palavras-chave: mediação tecnológica; pós-fenomenologia; filosofia crítica; Vilém Flusser; informação.

Abstract: this study investigated how technological mediation shapes the information experience, articulating post-phenomenology and Flusserian critical philosophy to reveal the active character of devices in communication. The aim was to demonstrate that artefacts do not function as neutral supports, but as agents that shape perceptions and relationships, and to propose a conceptual model to guide future analyses. A theoretical-analytical approach was adopted, based on a critical review of key texts to map the four forms of mediation described by post-phenomenology (incorporation, hermeneutics, alterity and background) and the concepts of apparatus/program, technical image and technical gesture in Flusser's work. It was found that, in each instance, technology constructs an ontological “between” - the I-this-you path - in which dialogue takes place under the internal logic of the apparatus, revealing both possibilities for innovation and risks of arbitrariness and loss of communicative autonomy. It was concluded that recognizing technology as a shaper of meaning and not just as a vehicle is essential for information design and digital literacy projects. Future research

recommends empirical studies with users, ethical-political analyses of the normative effects of programs and interdisciplinary partnerships to deepen this emerging field.

Keywords: technological mediation; post-phenomenology; critical philosophy; Vilém Flusser; information.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de um convite provocativo, ou mesmo busca no exercício do pensamento crítico, de propor uma reflexão com o objetivo de compreendermos o campo epistêmico da Ciência da Informação (CI) como um “lugar de encontro” em constante atualização, composto por diferentes matizes epistemológicas que se encontram, se repelem, se fundem e que precisam ser melhor e constantemente compreendidas e indagadas por nós, pesquisadores da Ciência da Informação.

O “convite”, por assim dizer, tem forma, linguagem e design próprios. Trata de pensarmos conjuntamente em uma perspectiva fenomenológica sobre a informação e a cultura digital que todos partilhamos. Ou seja, partimos do pressuposto que as experiências vividas pelo sujeito informacional trazem sempre em si um resultado de intenções; e que toda interação produzida no âmbito do prisma humano, tecnologia, mundo pode ser compreendida como um processo fenomenológico. Assim, seja animada por questões de ordem objetivas, subjetivas, políticas ou técnicas, reconhecemos destarte que a crescente mediação pela tecnologia no âmbito da cultura digital tem exercido um papel de destaque tanto na transformação da informação em conhecimento, como nas diferentes práticas e experiências humanas.

Com efeito, assim como Márcia Feijão Figueiredo (2012), compreendemos o posicionamento de Don Ihde sobre o papel da tecnologia enquanto uma mediação constitutiva da experiência humana. Onde, nesse espectro, ganha-se destaque a pós-fenomenologia.

Já partimos da premissa de que a incorporação de artefatos, dispositivos e demais suportes e recursos, e aqui também chamaremos mais adiante de superfícies, podem modificar nossas possibilidades de percepção, alargando-as ou até mesmo as “enevoando”. A tecnologia, juntamente com a informação que a utiliza como “continente”, atua como uma mediação fundamental para se entender a experiência vivida e a percepção de mundo assim como da realidade que somos capazes de imaginar, construir e cultivar.

Tal apontamento serve igualmente para nossa experiência pós-fenomenológica. E isso, certamente, deve ser posto em perspectiva ao considerarmos as maneiras como a informação se desdobra em saberes e conhecimentos na atualidade.

Dito isso, acreditamos ser possível apontar o objetivo maior dessa breve contribuição. Correlacionar a pós-fenomenologia e os seus elementos conceituais constitutivos, com referência maior na produção de Don Ihde, com o que Vilém Flusser apontou décadas atrás: o papel da tecnologia e da informação, assim como os elementos ontogenéticos das tecno-imagens flusserianas, para a experiência dialógica do sujeito informacional enquanto parte do que foi tratada como “filosofia do diálogo” em Martin Bubber (2009).

2 LENTES NOVAS PARA VELHOS OLHOS QUE VÊM: A CONTRIBUIÇÃO SILENCIOSA DE FLUSSER PARA A NARRATIVA PÓS-FENOMENOLÓGICA DE HOJE

Alguns estudos que resvalam com a fenomenologia em seu processo de reflexão, sobretudo aqueles ligados à mediação da informação, tiveram na compreensão de como aparelhos e demais suportes da informação interferem na produção do conhecimento um dos seus focos principais. Autores como Edmund Husserl (2001), ou mais tardiamente com a pós-fenomenologia representada por Don Ihde (1995, 2003, 2009), Peter-Paul Verbeek e Robert Rosenberger (2015) foram, e ainda o são, amplamente lidos e reproduzidos por companheiras(os) da Ciência da Informação (CI) brasileira.

Alguns como Maurício Bozatski (2018); Fernanda Alves Sanchez, Silvana Aparecida B. G. Vidotti e Fernando Vechiatto (2024); ou a própria Márcia Feijão Figueiredo (2012), já citada aqui, convergem no reconhecimento da contribuição de Don Ihde e do que se intitulou pós-fenomenologia para o campo da CI.

Grosso modo, Don Ihde aponta para uma fenomenologia que entende a tecnologia como a materialização de um meio e não um objeto técnico que poderia agir “contra” o sujeito informacional ou até “programado” por grupos como ferramenta de controle, influência e dominação. O artefato tecnológico desempenha, nesse caso, uma condição de intermediário entre o sujeito informacional e o mundo.

Dessa forma, na perspectiva de Don Ihde a tecnologia exerce essa posição de mediação. Entre o usuário, a ação e sua experiência no mundo.

Tal postulado parece resumir bem um conjunto de argumentos e de perspectivas que são utilizadas em profusão no campo da CI em função de seus objetos de estudo, suas

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

metodologias e suas problemáticas. O usuário, a mediação tecnológica que permeia o acesso à informação, as bibliotecas e respectivos sistemas de informação, entre outras possibilidades.

Em seu livro *Husserl's missing technologies*, Don Ihde (2016) dá ênfase às tecnologias óticas ou de visibilidade. Apontando uma lacuna de Husserl por meio da identificação desses respectivos tópicos para a fenomenologia, Ihde (2016) destaca a função mediadora das lentes, das imagens e das demais formas de visibilidade ao passo que as analisa a partir de um olhar fenomenológico. Com efeito, é nesse momento que um ponto de inflexão precisa ser construído nos termos de uma possível fenomenologia da informação, então mais crítica, que partiria dessa pós-fenomenologia, sem nela encerrar-se.

O que Ihde aponta em sua obra sobre as supostas faltas de Husserl em termos de tecnologias voltada às formas de visibilidade do mundo e, portanto, também da informação, já se fazia presente naquilo que Vilém Flusser produzia, ainda inicialmente, nos anos 1950 e que foi gradativamente desenvolvido dos 1960 em diante. Anos mais tarde, ao elaborar seu conceito de “imagens técnicas” ou “tecno-imagens”, Flusser (2019) chamava a atenção para o fato de que todas se tornavam cada vez mais acessíveis pelo que seria uma nova forma de escrita ou de linguagem, aquelas feitas em linha de código e pela escrita binária.

Flusser dava lugar a uma preocupação com uma possível natureza entrópica da informação, assim como dos dados, juntamente com uma alienação do conhecimento atrelados a uma consequente perda do controle por aqueles que seriam considerados os usuários da informação e de suas respectivas tecnologias. À vista disso, na experiência da usabilidade cada vez mais intuitiva e fácil, fluida, camuflava-se uma crescente e profunda complexidade de como tais tecnologias, e nesse caso ganhava-se destaque aquelas de caracterizadas por suas superfícies (telas), e recursos operam.

Este aspecto em Flusser é, talvez, um dos seus mais característicos no que tange uma tentativa de diferenciar aspectos entre as perspectivas dele e de Don Ihde.

Quadro 1 – Quadro comparativo-analítico entre Vilém Flusser e Don Ihde

	Flusser	Ihde
Enfoque	Teoria cultural e crítica da técnica e da comunicação mais centrada na mediação ocorrida entre o conceito de	Perspectiva filosófica da tecnologia como mediação entre sujeito/corpos e mundo da vida husserliano.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

	<p>“aparelho/programa”, “imagens técnicas”, a linguagem e o sujeito.</p>	
Método	<p>Ensaios conceituais e retóricos, inicialmente baseados em fenomenologia existencial, heideggeriana, e uma abordagem também semiológica e cultural, onde analisa as imagens técnicas (fotografia, vídeo, interfaces digitais, telas) como sistemas, mosaicos, de signos gerados por programas que condicionam a percepção e as práticas sociais.</p>	<p>Descrição fenomenológica mesclada a estudos empíricos e pragmáticos. Ihdé apoia-se em estudos de caso, observações de uso e análises interdisciplinares (ECT ou Estudos de Ciência e Tecnologia, antropologia, design) para mostrar como diferentes artefatos moldam o saber e o conhecimento advindo dessa interação. Ou seja, debruça-se sobre as práticas concretas, as ações mediadas e os modos de uso dos artefatos pelos modos de agir, pelos usos, pelas suas conseqüências empíricas.</p>
Tecnologia	<p>É expressão material da cultura. Parte constitutiva do que conhecemos como “cultura material”. A tecnologia também se mostra enquanto campo de expressões políticas, sociais, estéticas e éticas.</p> <p>Assim, compreende a tecnologia com expressão cultural, técnica e científica da história e que culturalmente nos conduziu ao que ele classificou como pós-história onde passamos a experimentar um desafio maior no tocante ao seu controle. Esta hipótese é fundamentada a partir do conceito de “Caixa-preta”.</p> <p>As imagens produzidas por aparelhos não “mostram” seu sentido de forma transparente, mas “nos direcionam” a modos de ver e de pensar próprios do programa técnico.</p> <p>Sobre a ideia de “aparelho”, Flusser o entende como um sistema técnico (desde a câmera fotográfica até o smartphone) que normalmente “impõe” um programa ao usuário. Ou seja, a tecnologia não é</p>	<p>Ela não é somente um instrumento, um objeto estático, mas um meio. Ela detém uma condição, portanto, Intermediária. Dessa forma, destaca-se o entendimento de que os artefatos (tecnológicos) “moldam” não apenas aquilo que percebemos, mas “como” percebemos e como agimos a partir do seu uso. Dessa maneira, há uma compreensão do valor mediador da tecnologia no processo de produção/construção do conhecimento.</p> <p>Ihdé aponta quatro relações (modos) de mediação: de incorporação, hermenêuticas, de alteridade e de <i>background</i> (planos de fundo). Neles a tecnologia poderia ser, respectivamente, considerada como: uma espécie de extensão do corpo, de prótese, tornando-se mais e mais imperceptível ao passo que adere bem ao corpo; um objeto interpretativo do mundo, de leitura dele; ou um objeto de interação que atua como “um outro” estimulando a interação dual; ou ainda como algo mais imperceptível onde a interação acontece, porém de forma mais naturalizada,</p>

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

	instrumento e sim um “agente” que determina o que pode e não pode ser percebido e comunicado.	automática, pois a mediação se dá por meio do ambiente onde estamos inseridos.
--	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Para Flusser, as lentes como aquelas das máquinas fotográficas, pelas quais desenvolveu sua teoria da "caixa-preta" (Flusser, 2018), detinham em sua essência uma intenção, uma natureza programática. É a partir da fotografia que Flusser cunha o conceito de “imagens técnicas” as quais seriam uma forma de registro visual da informação, captada pelo mundo por meio de dispositivos de codificação cada vez mais automatizados.

Embora Flusser não seja classificável como um dos protagonistas da tradição pós-fenomenológica de Ihde, seu conceito de aparato, um tanto fluido pois ele sofre modificações ao longo das fases de produção de Flusser, onde sua influência original remonta aos anos 1950, marcada pelas leituras de Johann Wolfgang von Goethe, José Ortega y Gasset, Martin Heidegger e Franz Kafka; passando anos mais tarde pela teoria cibernética nos anos 1960 e também pela leitura do “super homem” de Friedrich Nietzsche, e de programa é, além de elaborado décadas antes, claramente convergente com a perspectiva de mediação trabalhada por Ihde, principalmente se levarmos em conta que desde os anos 1970 em diante a ideia de aparato e de programa foram convergindo cada vez mais dentro do projeto flusseriano de uma teoria da comunicação, erigida juntamente com o contexto de “pós-história” que ele buscou elaborar. Nesse ínterim, o conceito de aparato já estava implícito tanto como elemento político, como de materialidade. E figurou nas investidas conceituais de Flusser que nos apresentou as “imagens técnicas”, o conceito de “caixa-preta”, aquele de “telemática”, entre tantas outras elaboradas até sua morte.

Fato é que ambos pensavam a materialidade da técnica e do conhecimento científico. Ou seja, pensavam a tecnologia que, aplicada no mundo de forma utilitarista e pragmática, mediou e medeia a vida como ela está posta: humano - tecnologia - mundo.

Uma diferença crucial é o sutil viés marxista no olhar de Flusser ao refletir sobre o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e de sua materialidade cultural e tecnicista que “desaguou” em uma sociedade em rede, globalizada e progressivamente capturada pelas engrenagens e retóricas daquilo que, anos mais tarde, Manuel Castells (2000) chamou de “capitalismo informacional”.

Nesse sentido, ainda com Flusser como referência, para compreendermos a mediação seria necessário entender criticamente o funcionamento das imagens técnicas, buscando se questionar a quem elas serviriam e por quem elas são projetadas ou programadas. E é esta “curva” no processo reflexivo sobre a mediação que encontramos aí uma das diferenças entre a maneira como materialidade e intermediação das tecnologias imagéticas, de visibilidade, são abordadas em um e em outro.

Já Don Ihde buscou identificar e descrever as mediações sem necessariamente lançar um olhar crítico de ordem política ou cultural sobre essa tecnologia. Sua crítica era mais hermética por ser uma forma de refletir sobre a própria fenomenologia até então e tornar “visível” o papel ativo dos artefatos. Seu objetivo não era o de classificar aquilo que realizava a mediação como “bom” ou “mau”.

Paralelamente, ao compreender o fenômeno da mediação pelos aparelhos tecnológicos Flusser buscou desvelar como operava aquilo que estaria prescrito em suas ações programadas, atuando mais profundamente na forma como visualizar-se-ia e como conhecer-se-ia algo. A questão do controle e da dominação estaria então posta em sua obra como problema, ou até mesmo como uma espécie de “dínamo” para a continuidade do seu pensamento crítico sobre as formas de produção de visibilidade dos dados, das informações, das imagens e de suas funções.

3 A "FAGULHA" FENOMENOLÓGICA DE FLUSSER E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DEBATE DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

Ao tratarmos da fenomenologia e das possibilidades de seu emprego para o campo da teoria da informação, buscaremos trabalhar nesta seção mais detidamente em alguns pontos de destaque referentes ao próprio Vilém Flusser.

Apesar de não ser compreendido como um representante da fenomenologia husserliana até mesmo por divergir em algum ponto do método de Husserl (Oliveira, 2018), Flusser é, de fato, um fenomenólogo que construiu seu próprio caminho ou processo *pari passu* desenvolvia sua própria reinterpretação da fenomenologia como ferramenta criativa e crítica. Há em Flusser algo que Marcos Beccari (2021) muito acertadamente nomeou como uma “estranheza”:

Equivoca-se, pois, a leitura que se atém ao nível literal do que Flusser chamava de “fenomenologia”, assim como também se equivoca aquela que, como inicialmente eu o lia, não suspende o juízo prévio de enquadrá-lo na tradição fenomenológica. É preciso adotar uma leitura não literal e, ao mesmo tempo, não presumir qualquer coerência prévia – o estranho, afinal, reside precisamente entre o familiar e o contraditório. Somente assim pode fazer algum sentido a distinção que, em *Naturalmente*, Flusser estabelece entre metafísicos e fenomenologistas: como atitudes opostas de, respectivamente, buscar a profundidade e elogiar a superficialidade (Beccari, 2021, p. 206).

Flusser parece atuar em uma espécie de “fenomenologia criativa” onde o emprego de narrativas, de fábulas, assim como a análise reflexiva e crítica de gestos e de imagens se torna um método para então especular sobre a condição humana e suas tecnologias. O que alguns chamam de “fenomenologia especulativa flusseriana” (Oliveira, 2018).

Percebamos que, embora Vilém Flusser e Don Ihde partam de origens e tradições diferentes, curiosamente as formas com que Flusser trabalha um método “especulativo-narrativo” acabam por “espelhar” na via da *práxis* o que Ihde sistematiza como mediação homem–tecnologia–mundo. Ou seja, a alegoria utilizada por Flusser na condição de fábulas, por exemplo, atuam como uma forma de mediação hermenêutica, nos termos de Don Ihde.

Vejamos a obra *Vampyroteuthis Infernalis* (Flusser, 2011). *Grosso modo* pode-se dizer que o livro é escrito como uma fábula. Nela Flusser descreve a vida marinha da lula vampiro como uma forma de levar o leitor a perceber-se naquele animal fantástico ou até mesmo, de compreender os aparelhos, os seus programas internos e a tecnologia como esse ambiente/agente.

Nessa espécie de “jogo” ou de “espelho retorcido”, Flusser também acaba por trabalhar outra categoria de mediação presente em Ihde. Aquela da alteridade. Ao inverter sujeitos e objetos, a lula vampiro que “espelha” o humano, Flusser coloca o leitor em posição de “outro”.

Ou seja, ao empregar formas de narrativas especulativas, Flusser as utiliza como “artefatos literários” que nos fazem interagir com um “quase-outro”, presente em Ihde. Tornando técnica e humano mutuamente constitutivos.

Já em *Gestos* (2014), Flusser problematiza o que ele chama de “gesto técnico”, momento de utilização de uma câmera, ou quando operamos uma máquina, por exemplo, apontando que nessa interação do homem com o objeto/aparelho constitui-se uma prática

de “extensão do corpo” e que esta fusão entre corpo e técnica detém no gesto a evidência do conhecer.

O gesto não estaria, contudo, simplesmente reduzido à mera expressão corporal já que ele sempre envolveria uma forma de mediação técnica com ferramentas, máquinas ou até mesmo convenções sociais, políticas e culturais. Configurando-se aí enquanto um “gesto técnico”, uma ação orientada pelo conhecimento e pelos métodos que vêm da pesquisa científica e de suas tecnologias produzidas.

Alguém pode estar inclinado a dizer que quando um gesto é tecnicamente informado, ele não é mais livre (e, portanto, não é mais um gesto). Mas esse é um erro ingênuo. Pois o que faz de um movimento um gesto não é o fato de ele ser livre, mas o fato de uma liberdade ser ‘de alguma forma’ expressa nele. E ‘de alguma forma’ significa ‘por meio de alguma tecnologia’ (Flusser, 2014, p. 175, tradução nossa)¹.

Ihde (1990) nesse ponto trabalha de forma similar à ideia de incorporação quando se discute que o artefato desaparece na ação por se incorporar ao seu usuário e às suas *práxis* do dia a dia, podendo até mesmo fazer parte daquilo que Flusser (2019) chamou de “gesto técnico”. Em sua outra obra, “Elogio da superficialidade: o universo das imagens técnicas”², Flusser (2019) aponta que:

[...] as imagens técnicas significam programas inscritos nos aparelhos produtores e manejados por imaginadores, eles também “programados” para manejá-los. [...] As imagens técnicas são flechas de trânsito que apontam caminhos rumo ao nada, a fim de dar rumo a vidas no próprio nada (Flusser, 2019, p. 67-68).

Sua colocação, um tanto “ácida” constrói o preâmbulo para um alerta de natureza crítica. Algo não presente na pós-fenomenologia de Ihde:

As imagens técnicas não são espelhos, mas projetores: projetam sentido sobre superfícies, e tais projeções devem constituir-se em projetos vitais para seus espectadores. Deve-se seguir os projetos. Destarte surge estrutura social nova, a da ‘sociedade informática’, a qual ordena as pessoas em torno

¹ Tradução livre do autor: “One might be inclined to say that when a gesture is technically informed, it is no longer free (and so is no longer a gesture). But this is a naive error. For What makes a movement a gesture is not that it is free but that a freedom is ‘somehow’ expressed in it. And ‘somehow’ means ‘by means of some technology.’” (Flusser, 2014, p. 175).

² A primeira edição no Brasil data de 2008, pela editora Annablume. Contudo sua escrita é bem anterior. Vilém Flusser publica “O universo das imagens técnicas”, sob o título *Ins Universum der technischen Bilder* em 1985 na Alemanha, em Göttingen. Somente anos mais tarde sua obra ganhará uma versão revisada e será publicada nos anos 2000 no Brasil.

de imagens. Essa nova estrutura exige novo enfoque sociológico e novos critérios. [...] A sociologia futura partira da imagem técnica e do projeto dela imanente. [...] elaborará critérios que lhe permitam classificar a sociedade segundo tipos de imagens [...] explicará os homens em função dos objetos culturais (filmes, programas de TV e de computadores) que os programam (Flusser, 2019, p. 69).

De forma resumida, percebe-se que as imagens técnicas operam como “plano de fundo” (Ihde, 1990), ou como Flusser colocaria de forma mais alegórica: em uma dialética entre superfície e profundidade. De uma maneira ou de outra, estariam assim estruturando toda nossa “visibilidade” sem que percebêssemos imediatamente sua intenção, sua programação por trás do seu caráter mediador. Não obstante, há aí um local de mediação que, mais uma vez de forma aproximada, trabalha Don Ihde: o *background*.

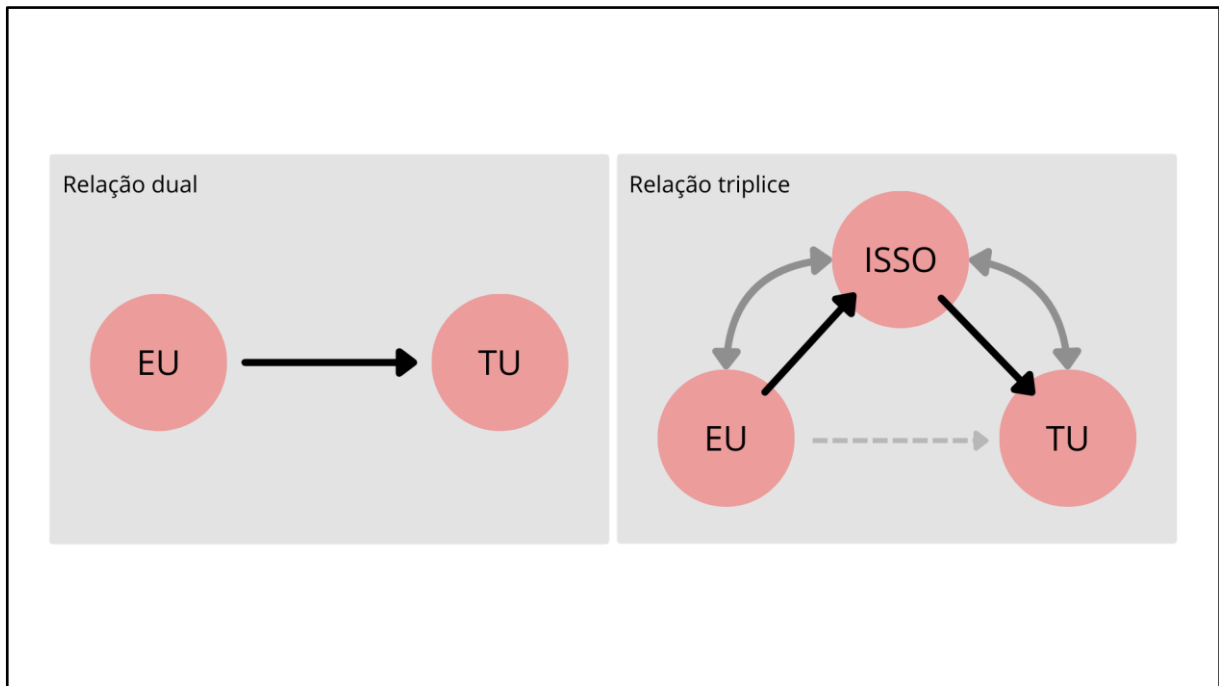
3.1 Por uma arqueologia da fenomenologia “estranha” de Vilém Flusser

Por fim, é importante ressaltar que a perspectiva da mediação está originalmente ainda atrelada a mais uma perspectiva fenomenológica que atravessa Flusser. A teoria dialógica de Martin Buber.

A partir da distinção que Martin Buber (2009) estabelece entre a relação “eu – tu”, marcada pelo encontro direto, recíproco e incondicional, é possível compreender em Flusser um desdobramento crítico que desdobra esse modelo de uma configuração dual para uma de caráter tríplice do “eu – isso – tu”. Com efeito, na perspectiva flusseriana qualquer tentativa de diálogo é previamente mediada por um “aparelho-programa” que atua como caixa-preta codificadora de sentidos e de possibilidades de ação. Exemplos disso estão disponíveis em toda sorte de tecnologia de “visibilidade da informação” (Pimenta, 2019, 2022) desde câmeras fotográficas à tablets ou *smartphones*, por exemplo.

Esse nível intermediário, o “isso”, não apenas orienta a forma como enxergamos e nos relacionamos com o outro, mas também redesenha o próprio escopo do que ou de quem podemos reconhecer como “tu”. Em outras palavras, em vez de conceber o “*zwischen*”, o “entre”, exclusivamente como o espaço ontológico que dá sentido à relação intersubjetiva, Flusser o converte num ponto focal: o “isso”. Assim, essa nova dinâmica “eu – isso – tu” torna-se o terreno relacional onde se inscreve qualquer desenvolvimento do “eu – tu”.

Figura 1 – Proposta de atualização da relação “eu-tu” de Martin Buber



Fonte: elaborada pelo autor, 2025.

Por fim, entende-se como fundamental problematizar o caráter arbitrário dessa mediação. Aqueles “aparelhos-programa” de que falamos não só influenciam o diálogo, ao filtrar, enquadrar e automatizar imagens e informações, como passam a exercer poder de decisão sobre nós mesmos, regulando o que podemos conhecer e como podemos nos aproximar do outro. Enquanto o antigo percurso dialógico anteriormente elaborado e pensado durante o ato em si se torna cada vez mais “rarefeito”. Assim, o percurso “eu – isso – tu” representa, simultaneamente, a abertura de novos horizontes comunicativos e o risco de sermos pungentemente submetidos às lógicas internas dos dispositivos técnicos.

Nesse cenário a informação e a memória, enquanto elementos constituidores do conhecimento e dos saberes, ganham destaque pela materialidade/institucionalidade com que o percurso “eu – isso – tu” de Flusser pode proporcionar.

Em “Comunicologia: reflexões sobre o futuro” Flusser (1999) também aponta que, seja pelas imagens técnicas, pelos aparelhos ou pelos recursos tecnológicos discursivos que compõem os gestos técnicos:

A soma desses apoios de memória chama-se cultura material. [...] Todas as vantagens das culturas oral e material podem ser passadas adiante graças à invenção do alfabeto. Com ele surge um novo apoio de memória - vamos denominá-lo biblioteca. A biblioteca é um lugar material e oral ao mesmo tempo. A biblioteca é um lugar material e oral ao mesmo tempo. Surge uma

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

cultura sintética que podemos chamar de literária ou historiográfica. A biblioteca, pelo menos desde mil e quinhentos anos, é o apoio de memória *par excellence*. O fenômeno da comunicação abriga uma dialética interna. Isso fica claro no caso da biblioteca. Originalmente, biblioteca significa um lugar para onde levo informação adquirida (Flusser, 1999, p. 54-55).

Prudentemente, afirmamos que a biblioteca não é apenas um lugar de depósito, mas sobretudo é um lugar de “costura” entre o que ali é adquirido e a partir dali é produzido. Assim, a biblioteca precisa ser reconhecida como um lugar de produção do conhecimento. E produtor também de informação e lugar de memória.

Na pós-fenomenologia de Don Ihde unidades de informação e Instituições de memória são, para além dos aparelhos produzidos e utilizados pelo homem no dia a dia, “dispositivos” informacionais potentes e urgentes, na contemporaneidade, para serem continuamente estudados, interrogados e renovados nas, e pelas, ações dos sujeitos informacionais assim como por sua respectiva sociedade civil organizada de maneira a evitar agenciamentos deletérios à cultura e ao conhecimento. Fato é que quaisquer cenários que busquemos esboçar uma perspectiva dialógica onde informação, tecnologia e humano se articulem, a dialética da perspectiva flusseriana permanecerá inconteste.

Nesse escopo de aportes pós-fenomenológicos e críticos a questão da mediação faz-se presente ainda uma vez na condição de reconectar, e talvez fechar ainda que provisoriamente, a questão da “curva” realizada por Flusser em direção à perspectiva marxista, material e programática que também se torna ponto de diferença à obra de Ihde.

Do ponto de vista do “mundo da vida” husserliano, sobre o qual Don Ihde discute e analisa os fenômenos tecnológicos que também compõem a relação de mediação homem – tecnologia – mundo, não há possibilidade de pensar maiores questões que discutam categorias de análise como o “novo regime global de mediação da informação” (Bezerra, 2017) ou ainda os possíveis “usos sociais (e seus modos) das novas tecnologias de informação e comunicação” (Poster, 2001). Tampouco uma maior “cultura de visibilidade informacional” (Pimenta, 2019, 2022), a qual e a partir da qual novos mecanismos estéticos, de comunicação, de produção do conhecimento e de comportamento se tornam aparelhos capazes de se resignificarem enquanto novos objetos culturais e bens de consumo.

Tais considerações não poderiam ser mais tempestivas para pensarmos nosso próprio campo que se expande e se articula cada vez mais com fluxos e forças advindas de outras áreas do conhecimento e que, na convergente experiência de um *zeitgeist* onde a dataficação

da vida, a cultura digital e a infodemia são parte indelével de sua essência, demandam continuamente por um olhar reflexivo e crítico sobre sua própria epistemologia.

Nesta breve comunicação buscamos exercitar um *coup d'oeil* a toda uma obra, ao pensamento e às provocações de um filósofo que uma vez mais surge como um *bodenlos* (Flusser, 2007) agora no campo da Ciência da Informação. Ou seja, um exercício de alteridade fundamental para os estudos teóricos e filosóficos da informação, da técnica e da tecnologia.

Investigar o “outro” é compreender a si mesmo. Lembremos de Paul Ricoeur (1990) que, nesse escopo, já esclareceu de maneira bem satisfatória e útil que o *soi-même* não existe sem o *autre*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs uma reflexão crítica sobre a fenomenologia da informação, articulando a pós-fenomenologia de Don Ihde e a “fenomenologia especulativa” de Vilém Flusser animada pela sua “filosofia crítica cultural” e pela proposta de revisitação da “filosofia do diálogo” de Martin Bubber enquanto marco fundador da relação crítico-reflexiva de Flusser com a tecnologia e com a informação, tendo as “imagens técnicas” como um de seus conceitos de referência. Em suma, demonstrando que as tecnologias mediam ativamente nossa experiência informacional e comunicativa.

Buscou-se identificar as quatro formas de mediação de Ihde, incorporação, hermenêutica, alteridade e plano-de-fundo, assim como nos conceitos flusserianos de “aparelho-programa”, “imagem técnica” e “gesto técnico” as estruturas que codificam e projetam sentidos, redefinindo o “*zwischen*” bubberiano em um percurso — um *framework*, aqui intitulado como “eu – isso – tu”. Que expõe ao mesmo tempo as possibilidades e os riscos do diálogo mediado por dispositivos; e que pode se tornar referência crítica para demais investigações futuras em ambientes digitais.

De maneira ainda que breve, acredita-se aqui que os objetivos iniciais foram plenamente atingidos ao passo que foi possível mapear essas intersecções teórico-metodológicas e propor um modelo crítico que revela como o “entre” dos aparatos exerce poder sobre a percepção e a ação comunicativa. Não obstante, reforçamos, agora com a inserção da contribuição de Flusser para os estudos futuros da CI, que tecnologia não é suporte neutro, mas agente de formatação e de modulação da experiência, o que nos convida novamente a pensar numa perspectiva fenomenológica crítica e informacional. Intentou-se

também trabalhar de maneira analítica em prol de uma possível convergência entre narrativas especulativas e gestos técnicos flusserianos com as mediações hermenêuticas e de alteridade de Don Ihde.

Para pesquisas futuras, a título de sugestão, identifica-se aqui possibilidades como a condução de estudos empíricos com usuários e profissionais de informação; assim como o aprofundamento de análises ético-políticas sobre o arbítrio dos programas na modelagem de narrativas que sejam reproduzíveis pelos aparelhos e demais mídias e “superfícies”/telas, principalmente em meio à “febre das IAG”³; podendo também estender a abordagem a colaborações interdisciplinares da Ciência da Informação com campos como a filosofia, o Design, a Antropologia Digital e os Estudos Culturais; ou investigar a evolução histórica de aparatos e superfícies em acervos digitais, de modo a compreender melhor a transformação dos gestos técnicos e seus impactos na sociedade da informação, na produção e manutenção do conhecimento e na preservação da memória.

REFERÊNCIAS

BECCARI, Marcos Namba. A estranheza de Flusser: entre arte, ciência e filosofia. **Revista Concinnitas**, v. 22, n. 40, p. 277–296, 6 jun. 2021. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.12957/concinnitas.2021.50862>. Acesso em: 25 maio 2025.

BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e cultura algorítmica no novo regime global de mediação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, p. 68–81, dez. 2017. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2936>. Acesso em: 25 maio 2025.

BOZATSKI, Maurício Fernando. **Por que a tecnologia importa?:** as possibilidades e as consequências das tecnologias nos contextos científico e social. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2554>. Acesso em: 19 maio 2025.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. 10. ed. rev. São Paulo: Centauro, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede:** a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de. Pós-fenomenologia e Ciência da Informação: aportes epistêmicos para acesso ao conhecimento. **InCID: Revista de Ciência da Informação e**

³ Inteligência Artificial Generativa (IAG).

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Documentação, v. 3, n. 1, p. 21-35, 2012. Disponível em:
<https://revistas.usp.br/incid/article/view/42367>. Acesso em: 17 maio 2025.

FLUSSER, Vilém. **A escrita**: há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010b.

FLUSSER, Vilém. **A história do diabo**. São Paulo: Annablume, 2008a.

FLUSSER, Vilém. **Bodenlos, uma autobiografia filosófica**. São Paulo: Annablume, 2007.

FLUSSER, Vilém. **Elogio da superficialidade**: o universo das imagens técnicas. São Paulo: É Realizações, 2019.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma filosofia da fotografia. São Paulo: É Realizações, 2018.

FLUSSER, Vilém. **Língua e Realidade**. [ed. especial] São Paulo: Annablume, 2010a.

FLUSSER, Vilém. **Vampyroteuthis infernalis**. São Paulo: Annablume, 2011.

HUSSERL, Edmund. **Phenomenology and the foundations of the sciences**. Berlin, Alemanha: Springer Science & Business Media, 2001.

IHDE, Don. **Husserl's missing technologies**. New York (EUA): Fordham Univ Press, 2016.

IHDE, Don. **Postphenomenology**: essays in the postmodern context. Evanston (EUA): Northwestern University Press, 1995.

IHDE, Don. **Postphenomenology-again?** Lund, Suécia: Centre for STS-Studier, 2003.

IHDE, Don. **Postphenomenology and technoscience**: the Peking university lectures. Albany (EUA): Suny Press, 2009.

OLIVEIRA, Rachel Cecília de. Ficção como fruto da falta de fundamento: a fenomenologia especulativa de Vilém Flusser. **Viso**: cadernos de estética aplicada, 2018. Disponível em:
http://revistaviso.com.br/pdf/Viso_23_RachelCecilia.pdf. Acesso em: 24 maio 2025.

PIMENTA, Ricardo M. Cultura da visibilidade informacional: estética e política da técnica no regime global de informação. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo Medeiros; SALDANHA, Gustavo Silva. **ikritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

PIMENTA, Ricardo M. De Narciso ao mundo-imagem: por uma urgência de uma perspectiva crítica sobre a cena informacional contemporânea. *In*: SALDANHA, Gustavo; CASTRO, Paulo C.; PIMENTA, Ricardo M. (org.) **Ciência da Informação**: sociedade, crítica e inovação. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. Disponível em:
<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1243/1/saldanha-castro-pimenta.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

PRIEGO, Ernesto; FIORMONTE, Domenico. Empire and scholarly communications: multinational monopolies of knowledge and the Global South. In: The 22nd International Conference on Electronic Publishing, 22., 2018, Toronto, Canadá. **Anais [...]** Toronto, Canadá: [s. n.], 23 jun. 2018. Disponível em: <http://epress.uts.utoronto.ca/elpub2018/>. Acesso em: 26 out. 2023.

RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

ROSENBERGER, Robert; VERBEEK, Peter-Paul. A field guide to postphenomenology. In: ROSENBERGER, Robert; VERBEEK (ed.). **Postphenomenological investigations: essays on human-technology relations**. Lanham: Lexington Books, 2015.

SANCHEZ, Fernanda Alves; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio; VECHIATO, Fernando Luiz. O conceito de intencionalidade tecnológica no contexto da encontrabilidade da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: UFES, 2024. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1414>. Acesso em: 20 maio 2025.